



7º Encontro Internacional de Política Social
14º Encontro Nacional de Política Social
“Contrarreformas ou Revolução:
Respostas ao capitalismo em crise
Vitória (ES, Brasil), 03 a 06 de junho de 2019

Eixo: 14. Marxismo, teoria social e crítica da economia política

Ser social e as massas: uma breve reflexão marxista

Resumo: O ensaio tem o objetivo de realizar breves reflexões analíticas a partir do conceito de psicologia das massas em Le Bon e Freud, através do diálogo e perspectiva marxiana com a categoria central do ser social e as contradições das relações sociais. Neste sentido buscaram-se reflexões acerca elementos que corroboram na análise de conjuntura brasileira. À luz da reprodução materialista e concretude das relações sociais, nos debruçamos em alguns elementos extraídos da sociabilidade humana capturada pelo capital no dizer de Marilda Vilela Yamamoto.

Palavras-chave: Ser Social; Psicologia das massas; Relações sociais.

Abstract: The essay aims to make brief analytical reflections from the concept of mass psychology in Le Bon and Freud, through the Marxian dialogue and perspective with the central category of social being and the contradictions of social relations. In this sense, we sought reflections about elements that corroborate in the Brazilian conjuncture analysis. In the light of the materialist reproduction and concreteness of social relations, we look at some elements extracted from the human sociability captured by the capital in the words of Marilda Vilela Yamamoto.

Keywords: Being Social; Psychology of the masses; Social relationships.

INTRODUÇÃO

A psicologia individual e social formam um elo intrínseco no qual a particularidade, singularidade e identidade do ser social são reproduzidas em um dado grupo, cuja consciência social é uma práxis das relações sociais. O indivíduo por si só não é capaz de reproduzir-se isoladamente, necessita de convivência coletiva, isto é, é resultado das massas pela eminência das relações sociais num dado escopo sociopolítico, ideológico e cultural de uma dada sociedade no qual tem como pano de fundo a história social.

Para Freud (1921), a psicologia individual também é psicologia social, no qual as relações particulares estão justapostas pela subjetividade humana a partir de seus impulsos instintuais do consciente, inconsciente e subconsciente, perpassam pela complexidade e contradições individuais e sociais reproduzidas. Nesta subjetividade e

objetividade, o elemento material e abstrato é uma constante nas relações sociais constituídas cotidianamente.

A psicologia individual está para a psicologia social, assim como o indivíduo está para sociedade, numa totalidade complexa:

É certo que a psicologia individual se dirige ao ser humano particular, investigando os caminhos pelos quais ele busca obter a satisfação de seus impulsos instintuais, mas ela raramente, apenas em condições excepcionais, pode abstrair das relações deste ser particular com os outros indivíduos. Na vida psíquica do ser individual, o outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário, e portanto a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado. (FREUD, 1921, p. 10).

As massas que são formadas pelo ser social, encontram-se em uma conjuntura sociopolítica, histórica e cultural, alicerçada numa dialética materialista e subjetiva, em que forma-se determinados grupos sociais e suas respectivas identidades:

Quando se fala de psicologia social ou de massas, existe o hábito de abstrair dessas relações, e isolar como objeto de investigação a influência que um grande número de pessoas exerce simultaneamente sobre o indivíduo, pessoas às quais ele se acha ligado de algum modo, mas em muitos aspectos elas lhe podem ser estranhas. Portanto, a psicologia de massas trata o ser individual como membro de uma tribo, um povo, uma casta, uma classe, uma instituição, ou como parte de uma aglomeração que se organiza como massa em determinado momento, para um certo fim. (FREUD, 1921, p. 11-12).

Segundo Freud (1921), interrogar-se acerca do que é a massa, é indubitavelmente necessário, assim como possibilita a compreensão do sujeito para além da modificação psíquica singularizada. E quais as influências na vida psíquica do indivíduo num coletivo?. Qual relação vida social e psique? Como se constitui a consciência individual e consciência social de determinado sujeito?

As massas são formadas e forjadas por uma determinada referência, isto é, um líder que exerce seu poder e constrói influências hegemônicas e persuasivas, no que concerne as práticas manipulatórias que fundamentam-se em uma esmera ideologia dominante e subalterniza outros grupos pela segregação das classes e o alicerçamento do poder pelo grande capital. Neste sentido as práticas sociais e sociabilidades humanas são reflexos de um dado coletivo, no qual essas massas são direcionadas por determinada ideologia e seus respectivos líderes.

Segundo Freud (1921), em diálogo com Le Bon, enfatiza que a massa é impulsiva, volúvel excitável, é guiada quase que exclusivamente pelo inconsciente, nas

balizas do viés manipulatório e “alienante”, cujo senso crítico e racional do indivíduo torna-se extremamente ameaçado.

Para Le Bon (1980), a massa é sempre dominada pelo inconsciente, desta maneira a multidão psicológica é um ser provisório composto por elementos heterogêneos que por momentos uniram-se tal como células no corpo. Elementos essenciais que corroboram para tal consciência social e as expressões da sociabilidade humana, todavia, tais elementos como referência para a sociedade podem servir a ideoculturas do discurso do ódio¹, naturalização das violências e normalização das desigualdades de classes sociais, principalmente dependendo dos sujeitos que compõem os poderes: executivo, legislativo e judiciário brasileiro, pois, neste cerne é constituído uma narrativa social.

E neste sentido é uma necessidade ontológica realizar o debate em torno da psicologia social pelo viés do materialismo histórico dialético, centrado na totalidade e suas reiterações a partir dos determinantes da vida social. Destarte que a consciência social é determinante para a construção da subjetividade consciente e subconsciente do indivíduo.

Segundo Adorno; Horkheimer (1978), os fenômenos sociais são produtos históricos, nos quais as tendências históricas se apresentam como tensões internas dos próprios processos sociais, isto é, contradições inerentes ao ser social, em que as expressões da subjetividade são reproduzidas a partir das relações sociais.

TEORIA SOCIAL CRÍTICA E A CONTRIBUIÇÃO MARXIANA.

Para Marx e Engels (1989), o primeiro pressuposto da humanidade e da história é que o ser humano genérico tenha condições de viver para que possam realmente ‘fazer história’, e nesta sobrevivência estão os primeiros atos vitais do ser social que surgem desde sua gênese material, *o ato de comer, beber, morar e vestir* e a partir do atendimento dessas necessidades básicas foi-se assim próprio criando novas necessidades humanas para o convívio em sociedade.

A história enquanto ciência essencial à humanidade, torna-se como primordial nas ciências humanas e sociais no que diz ao método dialético, corroborando para além

¹ É de ciência da sociedade brasileira que o atual governo federal reverbera a naturalização das violências, assim como o discurso de ódio completamente exposto no período eleitoral de 2018. Tal discurso do Estadista, é uma ação manipulatória numa nação extremamente desigual, hierárquica e segregacionista em vários aspectos da vida social no sistema capitalista.

de análises do aparente e superficiais, tornando-se como nas palavras de Marx *a história como a única ciência*.

E nesse processo histórico a teoria marxiana surgia como contraponto à dominação da aristocracia e nobreza anterior e ao modo de produção capitalista. No contexto moderno do início da efetivação de uma sociedade capitalista no século XIX em que a burguesia perdia seu ideário revolucionário.

Segundo Coutinho (2010), na história do pensamento burguês a razão humana passa por certa decadência, no qual o livre ato de pensar e raciocinar são manipulados pelo individualismo exacerbado pelos ideólogos burgueses, surgia o rompimento do pensamento humanista para construção do pensamento individualista:

Na história da filosofia burguesa, é possível discernir – com relativa nitidez – duas etapas principais. A primeira, que vai dos pensadores renascentistas a Hegel, caracteriza-se por um movimento progressista, ascendente, orientado no sentido da elaboração de uma racionalidade humanista e dialética.” “ A segunda – que se segue a uma radical ruptura, ocorrida por volta de 1830-1848 – é assinalada por uma progressiva decadência, abandono mais ou menos completo das conquistas do período anterior, algumas definitivas para a humanidade, como é o caso das categorias do humanismo, do historicismo e da razão dialética. Essa descontinuidade objetiva do desenvolvimento capitalista.” (Idem, 2010, p. 21).

E nesta decadência da razão humana, tem-se como contribuição para a desconstrução da sociedade moderna, valores que divergem do pensamento humanista idealizado em outrora como pela Revolução Francesa de 1789, no qual o lema “liberdade, igualdade e fraternidade” foram apenas utilizados como estratégias políticas e maniqueístas da burguesia na ascensão do poder.

Para Coutinho (2010), a partir de 1848, um novo aspecto: as tendências progressistas, antes decisivas, passam a subordinar-se a um movimento que inverte todos os fatores de progresso (que certamente continuam a existir) ao transformá-los em fonte do aumento cada vez maior da alienação humana e de valores superficiais do capitalismo.

O pensamento humano, nunca esteve tão ameaçado pela destruição da razão e do poder racional, nele foi incorporado novos valores como o individualismo exacerbado por uma competitividade pela busca dos interesses do capital, limitado ao senso comum/cultural e superficialidade que resultou da consciência irracional da humanidade na direção da desconstrução da emancipação do ser social a partir da hegemonia da burguesia.

Segundo Coutinho (2010), na época em que a burguesia era porta-voz do progresso social, seus representantes ideológicos podiam considerar a realidade como um todo racional, cujo conhecimento e consequente domínio eram uma possibilidade aberta à razão humana. E que no decorrer do processo histórico utilizou-se de meios estratégicos para destruição da racionalidade.

A humanidade em meio a ascensão do ser social a partir do Programa cultural da modernidade nas palavras de José Paulo Netto teve como ápice histórico a oportunidade de avançar não apenas no domínio da natureza através da manipulação da terra e materiais orgânicos e inorgânicos com instrumentais rudes à tecnologia de ponta, mas também qualitativamente na construção de uma ciência em prol do coletivo, através das ciências que no seu bojo também foram fragmentadas e isoladas.

A ideologia progressista contribuiu para a conjuntura social, política e econômica do ser social pensante, no qual a Revolução Francesa de 1789 primícias da liberdade do homem indo de contra o teocentrismo dominante de outrora.

Para Coutinho (2010), as categorias do humanismo, do historicismo e da razão dialética são os únicos instrumentos capazes de fundar cientificamente a ética e a ontologia. Por isso a tendência ideologizante de decadência começa exatamente por romper com tais categorias que possuem valores de fato para emancipação humana.

E essas categorias tornam-se muitas das vezes como meramente teoria, no qual as realidades do sistema capitalista demonstram uma incompatibilidade entre teoria e prática, pois, a capacidade de pensar é limitada.

MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO

O materialismo histórico dialético, fundamentado por Karl Marx e com contribuição de Engels, matriz teórico-metodológica científica e revolucionária repercuti o mundo inteiro como um dos pilares para contraposição ao sistema capitalista dominante.

A categoria trabalho é fundamental na discussão central do materialismo, no sentido que o ser humano está intrinsecamente ligado à busca pelas necessidades de sobrevivência, que vão desde os primórdios da vida social primitiva à modernidade, seja através da manipulação da natureza, como a caça, pesca e coleta de produtos florestais ou

no contexto de venda da força vital do trabalho pelas classes sociais dominadas a partir das revoluções industriais e das metamorfoses do mundo do trabalho².

Conforme Netto e Braz (2010), o surgimento do ser social foi o resultado de um processo mensurável numa escala de milhares de anos. Através dele, uma espécie natural, sem deixar de participar da natureza, transformou-se, através do trabalho, em algo diverso da natureza e essa transformação deveu-se à sua própria atividade, o trabalho. E que no processo de sociedade passou por diversos momentos históricos de transformações.

E neste viés que no cerne da modernidade, o pensamento do sujeito social avança numa construção histórica, em que o antigo teocentrismo dá lugar ao homem no seu sentido genérico do poder da razão.

A modernidade, assim, pode ser considerada como um momento importante no processo de conhecimento humano, visto que a partir dela, há a construção da teoria social é a possibilidade de percepção do homem como sujeito da história³.

Para Marx (1989), a partir da economia política, define-se que o trabalhador recai a uma mercadoria e a mais miserável mercadoria, que é miséria do trabalhador, está na razão inversa do poder e da magnitude da sua produção, que o resultado necessário da concorrência é a acumulação do capital em poucas mãos, isto é, da classe dominante.

E neste sentido o trabalho e produção além de categorias são elementos primordiais para a compreensão do domínio da uma classe social por outra, torna-se como um novo caminho à sociedade e por que não dizer do retorno da ideologia progressista, na direção do socialismo ao comunismo?.

O trabalhador se relaciona com o produto do seu trabalho como com objeto alheio (Marx, 1989, p. 150). Tornando o trabalho resultado de si mesmo, de sua energia, execução e manuseio como algo exterior e abstrato pertencente ao outro, ao patrão, no qual o que lhe prende é a necessidade de usufruir dos mínimos materiais de sobrevivência para ele e sua família que depende da venda de sua força de trabalho. E esse mesmo produto se torna na maioria das vezes como algo impossível para a objetivação desse trabalhador.

Desta forma a alienação do trabalhador contribui para propagação da inversão de valores, disseminando um sistema desigual e perverso:

Segundo leis da Economia Política a alienação do trabalhador em seu objeto se expressa de maneira que quanto mais o trabalhador em seu objeto se

² Ver Ricardo Antunes, Adeus ao trabalho?, Cortez:SP, 2014.

³ Trecho da aula Expositiva da Disciplina: Teorias Sociais e Serviço Social do PPGSS, ministrada pela Profª Drª Joana Valente no dia: 26/03/2014.

expressa de maneira que quanto mais o produz tanto menos tem pra consumir, que quanto mais valores cria tanto mais se torna sem valor e sem dignidade, que quanto melhor formado seu produto tanto mais deformado trabalhador, que quanto mais civilizado o seu objeto tanto mais bárbaro o trabalhador, que quanto mais poderoso o trabalho tanto mais imponente se torna o trabalhador, que quanto mais rico de espírito o trabalho tanto mais o trabalhador se torna pobre de espírito e servo da natureza. (Marx, 1989, p. 152).

Realidade do trabalhador, cujo sistema capitalista corrobora para a “disseminação” da individualidade, trazendo serias consequências nos quais a unificação das massas e das classes sociais é o maior desafio à sociedade civil organizada. No qual a participação social, torna-se idealismo utópico e as necessidades básicas do ser social que vende sua força de trabalho atenua-se meramente na matéria.

Para Marx (1989) O objeto do trabalho é, portanto a *objetivação da vida genérica do homem*: ao se duplicar não só intelectualmente tal como na consciência, mas operativa, efetivamente e, portanto a se intuir a si mesmo num mundo criado por ele. Por conseguinte ao arrancar do homem o objeto da sua produção, o trabalho alienado lhe arranca a sua vida genérica, a sua objetividade genérica, efetivamente real e transforma a sua vantagem ante o animal na desvantagem de lhe ser tirado o seu corpo orgânico, a natureza. E neste sentido concordo plenamente com as palavras sábias de Carlos Nelson Coutinho, que nos encontramos em plena miséria da razão.

E a categoria do materialismo histórico dialético, ver-se numa conjuntura de inversão de valores e estigmatizada pelo senso comum, fruto do capitalismo triunfante, visto como utopia, sonho e comunismo banalizado. E a essência da humanidade é vista com bons olhos, como apenas com um bom ato de benevolência e caridade mascarada por dogmas cristãos, referenciado pelo “antagonismo” céu e inferno.

O SER SOCIAL E O MÉTODO MARXIANO

No cerne da formação acadêmico-profissional das ciências humanas e sociais, o método dialético fundamentado na teoria social crítica de Karl Marx, torna-se como um dos “caminhos teóricos” para a análise crítica da sociedade capitalista, haja vista a necessidade de um projeto societário no direcionamento da emancipação humana e na garantia de direitos não apenas pela ciência jurídica legalista e positivada.

Santos (2010) em sua obra *Na prática a teoria é outra? : mitos e dilemas na relação entre teoria, prática e instrumentos e técnicas sociais*, discorre sua análise teórica de forma brilhante ao problematizar a relação teoria e prática. A autora parte de um pressuposto no cerne da hegemonia da teoria social crítica fundamentada no materialismo

histórico dialético de Karl Marx, resultado de sua pesquisa no qual culminou de sua tese de doutorado. E desta forma destaca a crítica conservadora para ressaltar a essência da pesquisa pautada na matriz da teoria social crítica.

O método como meio de intervenção nas ciências humanas e sociais, destaca-se como uma das mais significativas determinações, pois, sua utilização perpassa por um conjunto de referenciais teóricos, com categorias e conceitos inerentes ao modo de analisar e ver a sociedade capitalista especificamente.

Em 1859 Marx escreve a “*Introdução à crítica da economia Política*”, nesta obra é explicitado com nitidez, o caminho metodológico de sua contribuição⁴. No qual o aparente e superficial são descortinados a partir das realidades empíricas que estão em constantes mutações, através do ser social que faz história, que resulta de inúmeras determinações que afloram nas relações sociais, em que os sujeitos buscam no capital as suas necessidades das mais básicas de sobrevivência ao fetiche de um objeto.

Conforme Marx (1989), Sujeito, humanidade, objeto e natureza são os mesmos, pois, sua essência é única e suas determinações são de caráter divergente perpassando por momentos históricos, todavia, possui elementos comuns e gerais que formam uma única unidade.

Marx ao iniciar sua obra *Introdução à crítica da economia política* enfatiza no início de seu trabalho, que o objeto do estudo é, em primeiro lugar, a produção material. Neste ato racional temos as diversas formas de extração da força do trabalhador pelos detentores das forças produtivas, no qual os atos de comunhão e de relação homem e natureza são transformados, o caçador e o pescador já não realizam seu trabalho para subsidiar o primeiro ato da humanidade que é comer e beber, a simples ação de caçar e pescar torna-se um meio de investimento do capital e produção, visando o lucro para aqueles que detêm o monopólio deste serviço e o capital de investimento.

Contudo novamente o autor ressalta a importância da história na sociedade, tendo o método como parte da história, sendo uma construção social, fruta de determinações materiais e subjetivas do ser.

E neste contexto material, na maioria das vezes o ser social é esquecido e tido como meramente meio de adquirir resultados enquanto produtividade mecânica, no qual

⁴ Trecho da aula Expositiva da Disciplina: Teorias Sociais e Serviço Social do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social – PPGSS da Universidade Federal do Pará - UFPA, ministrada pela Prof^a Dr^a Joana Valente no dia: 30/04/2014.

o aparente torna-se o único valor humano, o supérfluo adquire importância nunca para além do que é produzido.

Para Marx (1989), a produção não é apenas uma produção particular, mas é sempre, ao contrário, sujeito social, que exerce sua atividade numa totalidade maior ou menor de ramos da produção, cuja individualidade posta pelo capital, contribui para o comodismo e permanência na ordem das classes sociais.

Contudo nesta ideia percebe-se que a classe dominante constrói ideias, que decerta forma criam espécie de “dogmas” que visam perpetuar e camuflar essa contradição e antagonismo de classes histórica ao ponto de o próprio trabalhador ver-se como mero vendedor de força de trabalho, tendo apenas o ato de comer, como simplesmente a única necessidade humana, ao ponto de serem visto como meros escravos.

O escravo, o servo, o operário assalariado, por exemplo, recebem todos uma quantia de alimentos que lhes permite existirem como escravo, servo, operário assalariado (MARX, 1989, p. 106). Isto cabe-nos a refletir sobre até que ponto a razão humana que nos diferencia dos demais animais, e teve seu ápice no marco histórico no humanismo e Revolução Francesa, encontra-se em decadência, tornando-se meramente como ilusório.

Na primeira o produtor se coisifica, na segunda, é a coisa criada por ele que se personifica (MARX, 1989, p. 109).

Razão que em tempos de sociedade capitalista, transforma-se em consumo, consumo de massa no qual a mercadoria aparentemente útil, se personifica em tal subjetividade que determinado objeto, torna-se sujeito e sujeito torna-se objeto, e essas inversões de valores humanos, coisifica a humanidade, como sendo um produto recém-elaborado em fábrica.

Para Marx (1989), a produção também é consumo, consumo duplo e subjetivo e objetivo, nela o sujeito social tem sua força vital consumida e ao mesmo tempo resulta em produto fetichizado que outrora será desejado pelo próprio produtor do objeto. Percebemos com certa facilidade as obras homéricas construídas pelo trabalhador do ramo da engenharia civil, no qual o produto final, não faz parte de sua realidade, sendo um “sonho” de consumo nos ditames dos valores ideológicos da classe dominante.

E nas primeiras décadas do século XXI, as relações sociais vem sendo cada vez mais fragmentadas, reformuladas num contexto de fragilidade dos laços sociais da coletividade, no qual elementos da matéria e posse, que modificam drasticamente o consciente e subconsciente do ser, reproduzindo em contradições.

O modo de pensar racionalmente, vislumbrando a totalidade do ser social, é corrompido pelo aparente, aparência absorvida pelas diversas formas de reflexão alienada ou crítica:

O todo, tal como aparece no cérebro, como um todo de pensamentos, é um produto do cérebro pensante que se apropria do mundo do único modo que lhe é possível, modo que difere do modo artístico, religioso e prático-mental de se apropriar dele. O sujeito real permanece subsistindo, agora como antes, em sua autonomia fora do cérebro, isto é, na medida em que o cérebro não se comporta se não especulativamente, teoricamente. Por isso também, no método teórico [da economia política], o sujeito – a sociedade – deve figurar sempre na representação como pressuposição. (MARX, 1974, p. 117).

E desta forma a construção científico e teórico, se constrói a partir da análise do empírico, das realidades das relações sociais, no qual o sujeito-objeto e objeto sujeito é desvelado a partir do método para então assim construir-se em conceitos e categorias científicas.

Segundo Marx (1974), as categorias exprimem, portanto formas de modo de ser, determinações de existência, frequentemente aspectos isolados desta sociedade determinada, deste sujeito, e que, por conseguinte, esta sociedade de maneira nenhuma se inicia, *inclusive do ponto de vista científico*, cujo os próprios sujeitos fazem parte do objeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões referenciadas no decurso deste trabalho buscou centralizar o debate no cerne da psicologia social e das massas em um diálogo no bojo da teoria social crítica a partir de Karl Marx e alguns seus seguidores, pois, as categorias foram extraídas das relações sociais da sociedade capitalista a partir das realidades e contradições da vida social, buscando a essência do ser social e sua totalidade nos ditames das necessidades humanas.

Contudo a realidade que é construída pela alienação subserviente pelo sistema capitalista, tornando o homem genérico meramente objeto e produto, no qual o poder racional e lógico do modernismo torna-se alienação.

E nessa conjuntura ideológica e capitalista, a sociabilidade e interações sociais tornam-se elementos essenciais que definem a subjetividade humana a partir de um dado coletivo ou grupo social. Neste sentido a psicologia das massas pode ser manipulada e

manipulatória, no qual a ideologia é volúvel ao antagonismo de classes sociais e interesses de determinados coletivos.

Desafios na realidade pós-moderna em que a razão humana também se transforma em “mera mercadoria”, no qual através do fetichismo mercadológico “ tudo e todos” podem ser comercializado e a participação social fragmenta-se e os movimentos sociais lutam em causas distintas e específicas e a democracia se resume ao simples direito de votar.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Temas básicos da sociologia**. São Paulo: Cultrix, 1978.

COUTINHO, Carlos Nelson. **O estruturalismo e a miséria da razão**. São Paulo: 2º ed. Ed. Expressão popular, 2010.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos**. São Paulo: Companhia das letras: [1920-123].

LE BON, Gustave. **Psicologia das multidões**. Delraux, 1980.

LUKÁCS, Geog. **Ontologia do ser social: os princípios ontológicos fundamentais de Marx**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979 (parte IV).

_____. **Ontologia do ser social: os princípios ontológicos fundamentais de Marx**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979 (Parte IV).

MARX, Karl. Trabalho alienado e superação positiva da auto-alienação humana (**Manuscritos Econômicos e Filosóficos 1844**). In: FERNANDES, Florestan (Org).

_____. Introdução [à crítica da Economia Política]. In: MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1974 (Volume Coleção Os Pensadores).

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. In: FERNANDES, Florestan. São Paulo: Ática, 1989.

NETTO, José Paulo. Razão, ontologia e práxis. **Revista Serviço Social e Sociedade. Nº 44, Ano XV**. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. Introdução ao estudo do método em Marx. 1ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

NETTO, José; BRAZ, Marcelo. **Economia política: uma introdução crítica.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2007 (Biblioteca básica de Serviço Social; Volume I).

SANTOS, Claudia Mônica dos. **Na prática a teoria é outra?: mitos e dilemas na relação entre teoria, prática, instrumentos e técnicas no Serviço Social.** Rio de janeiro: Limen Juris, 2010.